

AS MÁSCARAS DA CIÊNCIA* Hilton Japiassu

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro
IBICT

Falar das "máscaras da ciência", é falar de seus *anteparos ideológicos* e interrogar-nos, ao mesmo tempo, sobre o *sentido* da ciência, sobre seu sentido profundo e real, que se oculta por detrás de suas significações aparentes. Sabemos que sua significação aparente encontra-se, quer nas *intenções subjetivas* dos próprios cientistas, cuja preocupação fundamental seria a *busca do conhecimento*, quer nas intenções dos que promovem e elaboram a chamada política científica, tendo em vista, em última análise, como decorrência do aumento de produção de conhecimentos, o aumento de *produção de bens*. No entanto, de um ponto de vista filosófico, não podemos evitar certas questões: Por que a ciência se converteu numa espécie de poder onipotente, de mágica admirada e temida, de gigantesco processo industrializado de produção de conhecimentos? Em nome de que ela se impõe como o paradigma por excelência de toda verdade? Pode ainda ser considerada como um saber puro, como uma contemplação desinteressada e amorosa da verdade? Ou não teria formado uma Santa Aliança com a *técnica e a indústria* a fim de produzir uma massa colossais de saberes e de objetos, onde certamente se encontra presente o desejo de verdade e de explicação, mas onde também se oblitera o sonho

* Palestra apresentada nos Seminários de Estudos sobre *Filosofia e Sociedade* promovidos pela SEAF (Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas) no dia 7 de maio de 1977 no Rio de Janeiro (Bennett)

RESUMO

A significação aparente da ciência encontra-se nas intenções subjetivas dos próprios cientistas, cuja preocupação fundamental seria a busca do conhecimento, e nas intenções dos que elaboram a política científica, tendo em vista o aumento da produção de bens como decorrência da produção de conhecimentos. O cientista, no mundo atual, saiu da ficção neutralista e com ele a ciência. Por isso estamos diante de dois mitos da ciência: o mito da ciência-gue-conduz-necessariamente-ao-progresso e o da ciência-pura-e-imaculada. Segundo o primeiro a ciência se expõe a ser julgada pelo valor social de seus resultados e de acordo com o segundo a ciência é seu próprio fim, não tendo que prestar contas a nenhuma instância exterior. Se há crise na ciência é porque os cientistas se interrogam sobre a significação e função reais, na sociedade, de seus trabalhos (H.B.)

de felicidade e se dilui o espaço da liberdade? Por que devemos admitir que somente ela, em sua coerência rigorosa e vingadora, pode resolver todos os problemas humanos, extirpar todas as nossas ignorâncias, dar respostas a todas as nossas esperanças e pôr um fim às nossas ilusões? Estaríamos condenados a ficar presos aos sortilégios cúmplices da organização científica, submetendo-nos sempre mais às astúcias de seu controle insidioso, a ponto de instalar-nos, sem possibilidades de resistência, numa tecnatura incessantemente aperfeiçoada? Portanto, falar das "máscaras da ciência", é duvidar que a mitologia cientificista, que fez do progresso indefinido da ciência, o motor incansável da felicidade humana, tenha a garantia de não se sabe que verdade revelada para continuar a ludibriar o homem quanto ao *sentido* que possa conferir à sua existência.

Em nossos dias, a ciência diz, sobretudo, a "ciência realizada" ou *tecnatura*: conjunto de procedimentos transformadores oriundos da vinculação ciência-técnica e de seus resultados inscritos em nosso meio ambiente. É cúmplice do processo de industrialização, pois contribui para organizar e racionalizar seu funcionamento bem como para instaurar sua soberania quase absoluta. Ao vincular-se à indústria e à estratégia, perdeu sua inocência original. Não se pode mais falar de uma "imaculada concepção" da ciência. Também não se pode admitir que ela se apresente como a portadora de *oráculos para*

os homens, como a *depositária* exclusiva e patenteada de todos os nossos segredos, como se ela fosse um santuário sagrado ou um tabernáculo de onde deveriam jorrar as torrentes do saber perdido.

No mundo atual, o cientista é ao mesmo tempo um precioso capital, um grande investimento cuja rentabilidade precisa ser assegurada, uma moeda de troca, uma imagem de marca nacional ou ideológica. Num certo sentido, sua função teatralizou-se. Ele passa a ser um iceberg flutuando sobre o oceano de nossas incertezas, de nossas ignorâncias. Sem dúvida, a parte oculta de seu trabalho só justifica o estatuto privilegiado que lhe reconhecemos, mas ele não pode permanecer estranho à "sociedade do espetáculo". Na verdade, saiu da ficção neutralista. E, com ele, a ciência. Por isso, estamos diante de dois mitos ou de duas ilusões (máscaras) que precisam ser superadas. Trata-se da dupla ilusão da *neutralidade objetiva*, que dispensaria os cientistas, em nome de sua atividade racionalista, de tomar parte nos conflitos e nas incertezas da cidade política (exceto de tomar parte na defesa da nação em perigo, e este é o caminho de todas as hipocrisias neutralistas), e do *magistério ético* que reconheceria aos cientistas o direito que eles possuiriam de dizer o que é bom, porque conhecem o que é verdadeiro (o que degenera, *ipso facto*, em "política cientificizada"). Ora, não há nenhum carisma político no patrimônio da comunidade científica. Por isso, não pode reivindicar o direito de governar a sociedade.

Portanto, já temos aqui *duas máscaras* da ciência, que ocultaram sua verdadeira face e não-las revelam em seu caráter mitológico: o primeiro mito é o da *ciência-que-conduz-necessariamente-ao-progresso*; o segundo, é o da *ciência-pura-e-imaculada*. O primeiro mito é mais antigo e mais ambicioso. Durante muito tempo, foi aceito como uma espécie de dogma absoluto. Em nossos dias, embora de modo mais atenuado, ele serve de argumento àqueles que procuram o apoio do Estado e da sociedade em geral. Notemos que há certa contradição entre esses dois mitos. Segundo o primeiro, a ciência se expõe a ser julgada pelo valor *social* de seus resultados. Conforme o segundo a ciência é, por assim dizer, seu próprio fim, não tendo que prestar contas a nenhuma instância exterior. Isto não exclui a idéia de que a ciência, no sentido lato, possa, por acréscimo, prestar relevantes serviços. Todavia, o mito da ciência pura repousa antes de tudo no postulado segundo o qual a busca do conhecimento é algo de bom em si, só diz respeito à coletividade científica, não possuindo intrinsecamente nenhuma significação moral ou política. É apoiado nesse mito que certos cientistas negam que "a ciência" seja responsável por Hiroshima ou quaisquer outras "más" aplicações. A este respeito, façamos uma observação. Muitos pesquisadores proclamaram e continuam a proclamar que não possuem má consciência. A

situação, declaram, é muito clara: a ciência, enquanto tal, é uma procura metódica e desinteressada de um saber sempre mais amplo e mais certo. O físico ou o biólogo não têm por que se preocuparem com as utilizações de seus trabalhos. Essas utilizações não dependem deles, mas do poder político e das iniciativas da indústria. Ademais, é impossível prever as eventuais aplicações. E uma descoberta pode ser utilizada ao mesmo tempo para o bem e para o mal. Em todo caso, não é "a ciência" que constrói e lança a bomba atômica. Os cientistas que participaram do projeto Manhattan, o fizeram enquanto cidadãos, não a título de representantes "da ciência".

Essa argumentação, aparentemente inatacável, está revestida de outra máscara: a ciência seria uma *atividade sem deontologia*. Ela fornece um saber. Este saber pode ser elaborado tecnicamente de modo a fornecer os meios de ação. Os fins aos quais servem tais meios não dizem respeito aos cientistas. Estamos diante de um modo de ver bastante idealista. Ora, administrativa e financeiramente, a ciência depende de múltiplos organismos oficiais. Alguns domínios de pesquisa são fortemente estimulados por razões que nada têm a ver com o saber puro. E mesmo as pesquisas mais "puras", são orientadas para fins estratégicos. Socialmente, a ciência pura é mais uma ficção que um fato. Por detrás da dicotomia saber/aplicações, oculta-se a idéia de que a ciência possui certo estatuto transcendente relativamente à sociedade. Ela é intemporal, estranha às vicissitudes desse baixo mundo. Os cientistas elaboram uma ciência que, enquanto tal, não pertence a nenhuma época e a nenhum país. Eles devem ser intelectualmente honestos, não trapacearem suas experiências e seus resultados. Mas esta ética é puramente interna, consistindo em respeitar as normas em vigor nas diversas coletividades científicas. Só contaria a procura da Verdade. A ciência seria autônoma, pois se dá suas próprias normas. Não há *deontologia* impondo aos pesquisadores deveres para com a sociedade. A sociedade ajuda a ciência, mas é porque julga que se deve sustentar a busca da Verdade. Isto não compromete o postulado de autonomia. Em virtude de um contrato implícito, os cientistas visariam a ampliar o conhecimento, deixando de lado as questões sociais e políticas relativas ao objeto de seu trabalho. Ora, o mito da ciência pura funda, de um lado, a irresponsabilidade social dos cientistas; do outro, fornece ao Estado uma perfeita justificação do apolitismo da pesquisa. Ora, seria preciso ter uma grande candura para imaginar que é somente o culto do saber que legitima a conduta do Estado de integrar substancialmente a pesquisa no sistema sócio-econômico-político. O que corre o risco de ser "patológico" é a situação ambígua dos cientistas: tudo se passa como se a sociedade quisesse impor-lhes uma "imagem" deles mesmos que não corresponde à realidade histórica.

Outra máscara da ciência, em nossos dias, é o *otimismo ingênuo e triunfante dos ativistas*

que depositam toda sua confiança na *eficácia* de um saber que nos conduziria ao *Melhor dos mundos*. Ora, ninguém sabe o que será nossa história. Podemos duvidar que uma verdadeira escolha, coletiva e consciente, seja possível. Os espíritos esclarecidos do século XVIII pensavam que o progresso da ciência viria liberar os espíritos, tornar os cidadãos iguais e proporcionar a felicidade de toda a humanidade. Condorcet proclamava: "toda descoberta nas ciências é um benefício para a humanidade. Nenhuma descoberta é inútil". Por sua vez. Bacon já dizia, no século XVII, que a ciência é poder. Está intimamente ligada ao gosto da eficácia, a um projeto de domínio e de manipulação das coisas (e dos homens). Abre possibilidades. Fornece meios de ação. Donde uma nova versão da máxima *tu podes, logo tu deves*: "Tudo o que é científica e tecnicamente realizável, deve ser realizado". Neste sentido, há uma estreita relação entre o projeto científico e o ativismo ocidental. Dominar, produzir, fazer sempre maior, sempre mais depressa: eis como se manifesta o poder da ciência. Mas este poder manifesta-se ainda em outros domínios: direta ou indiretamente, no culto da produtividade, da taxa de crescimento e dos experts. Neste sentido, há um vínculo entre a ciência e a sociedade de consumo, entre a ciência e a tecnocracia. Já se fala até mesmo de uma *tanatocracia* da ciência e da técnica, que compõem uma "cidade habitada de extralúcidos regionais (os cientistas), embora cegos à totalidade" (M. Serres, *Hermes III*, 1974, p. 83). Essa tanatocracia está gerando uma poluição ideológica, uma poluição cultural e uma poluição cultural aparentemente incontroláveis. Vivemos num mundo dominado pela máquina e pela idéia de máquina. E as máquinas estão a serviço de uma *função*, não de um projeto humano.

E ao falarmos de tanatocracia, queremos enfatizar o vínculo indissolúvel entre *ciência* e *poder*. Não tenhamos ilusão: a ciência hoje possui dois pólos: o saber e o poder. O saber pelo saber está na base do desenvolvimento da ciência. Mas hoje em dia a ciência desempenha um papel tão importante no desenvolvimento das forças produtivas, que há uma predominância incontestável *do saber para poder*. A pesquisa científica e técnica comanda diretamente o desenvolvimento econômico. Distinguir, de um lado, ciência fundamental e desinteressada, do outro, técnica, não tem mais sentido. Não é um modo correto de elucidar a dialética do saber e do poder na ciência atual. De fato, todo o processo científico está vinculado e procede da mesma vontade de poder, desde a pesquisa fundamental ao crescimento econômico, passando pela pesquisa aplicada, pela pesquisa de desenvolvimento que aprimora as descobertas e as inovações técnicas utilizadas pelas empresas. Essa evolução científica e técnica assegura a manifestação das forças produtivas e confere seu fundamento a novas relações sociais em que os cientistas são levados a desempenhar um novo papel, em ligação com o lugar novo da ciência.

Qual o produto da sociedade científica e técnica? A corrida armamentista, as aventuras espaciais ao mesmo tempo grandiosas por sua proeza de organização e de *know-how*, e irrisórias face à miséria e à precariedade da existência cotidiana de uma multidão colossais de homens; as desigualdades crescentes entre os países do mundo, o processo indefinido de multiplicação dos bens privados andando junto com uma degradação do quadro de vida nas nações industriais, o desperdício dos recursos do planeta, etc. Tal crise da sociedade nos remete fatalmente a uma interrogação sobre a ciência, pois esta passa a dirigi-la por uma *tecnoestrutura* composta de três camadas bem implantadas: os burocratas industriais, os gestores profissionais e os tecnocratas propriamente ditos. Estaríamos sofrendo de uma inflação de ciência? Ou de uma carência de ciência? Fala-se muito na *crise* da ciência. Mas é difícil descrever esse fenômeno. Trata-se de uma crise onipresente. O difícil é determinar suas causas e encontrar as soluções. Alguns acreditam que se trata apenas de uma questão de melhor orientar a ciência. Outros julgam o lugar novo da ciência na sociedade contestável. Não adianta procurar na ciência os males da ciência. Porque ela conduz a impasses. O que está em questão é o *papel* da ciência. Se há uma crise da ciência, é porque os cientistas se interrogam sobre a significação e a função reais, na sociedade, de seu trabalho. Se há uma crise geral da sociedade científica, é porque os efeitos diretos ou indiretos da ciência em *todos* os setores de nossa vida suscitam reações de temor, de frustração e mesmo de rejeição.

ABSTRACT

One can find the apparent meaning of science in the subjective intentions of the scientists themselves, in which the fundamental preoccupation would be the search of knowledge, and in the intentions of those who are responsible for science policy, having in mind the growth of the produce of wealth as a result of the produce of knowledge.

Nowadays the neutrality was left out by the scientist and so was science. That's why we're facing the two myths of science: the science that leads to progress and the pure and immaculate one. According to the first one science exposes itself to be judged by the social value of its results, whereas to the second one science is not affected by any exterior instance. Whether there's a crisis in science it is because the scientists ask themselves about the real meaning and function of their works in society. (M.P.)